

O potencial de um plano que deu certo

Salta aos olhos do observador atento que o presidente Fernando Henrique Cardoso não disse tudo na prestação de contas que fez à Nação. Seria pedir demais, no entanto, que S. Exa., tendo tantos aspectos positivos a ressaltar no balanço da atuação do governo neste ano, dedicasse mais tempo do que dedicou à análise dos aspectos negativos. A bem dizer, no entanto, se ele não disse tudo, deixou subentendida muita coisa. Quando, por exemplo, ao falar dos investimentos necessários ao desenvolvimento, afirmou ainda que de passagem: “(...) um crescimento que tem um perfil já definido em termos de controle dos fatores macro, que afetam a população (...).” O chefe do governo sabe o sacrifício a que foi submetida boa parte da classe média desde que começou a ser posta em prática, com a aprovação do Fundo Social de Emergência (FSE), a política que embasou o Plano Real. Mas é natural que tenha preferido realçar que o perfil estrutural da distribuição de renda no País mudou nesses 30 meses do lançamento do Real e que pesquisas realizadas por institutos privados apontam para a diminuição do número dos brasileiros que integram as classes menos favorecidas — as chamadas “c” e “d” —, com o consequente aumento (21%) do número daqueles que in-

tegram as classes “a” e “b”. É por saber que estava falando de uma realidade concreta vivida pela população — traduzida no grande aumento de consumo de alimentos e eletrodomésticos — que o chefe do governo pôde desqualificar aqueles que o criticam ferinamente como sendo ignorantes ou mentirosos.

Sé o presidente Fernando Henrique Cardoso fez a seu Ministério e aos líderes partidários no Congresso a longa exposição que fez, na maneira que a concebeu, é porque sabe que a opinião pública, fora do ambiente burocrático e político-partidário de Brasília, tem de seu governo a mesma visão otimista que o inspira. A prova disso são as pesquisas de opinião, mostrando a aprovação popular a seu governo. Não se trata de apoio motivado por aquilo que os sociólogos, especialmente o professor Fernando Henrique, costumam chamar, como Max Weber, de “carisma”; pelo contrário, há uma extrema dose de racionalidade nessas manifestações de apoio, porque os problemas macroeconômicos que “afetam a população” são sentidos por ela. Sentidos e, podemos dizer, avaliados — e, quando os brasileiros

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

fazem a relação custo-benefício, não lhes é difícil verificar que os benefícios compensam amplamente os sacrifícios. Muitos serão aqueles que se impressionarão com números que indicam dificuldades negociais, ou com a oscilação dos que retratam a situação do desemprego — ora subindo decíimos de ponto de porcentagem, ora decrescendo na mesma proporção. Essas mesmas pessoas sabem, no entanto, que a acomodação que se está processando na

economia com o êxito do Plano Real e com as “janelas” de oportunidades que a globalização oferece é processo que não se esgota em meses. O presidente afirmou, e a maioria da população disso tem consciência, que a “memória inflacionária começa a se esboçar”; que a fixação na indexação está desaparecendo, que os investimentos externos que estão sendo canalizados para o País contribuirão para apressar o fim da travessia encetada quando se deram os primeiros passos para chegar ao Real. Na fala presidencial podem vislumbrar-se as preoccupações do chefe de governo. A principal é com o déficit público — que “atazana” o governo. Equilibrar as contas públicas depende, no entanto, de que se

avance no processo das reformas, especialmente da Previdência e do Estado. As privatizações, embora em ritmo mais lento do que nós desejariam, prosseguem. As concessões de serviços públicos, a maneira inteligente encontrada de aliviar o Estado de obrigações que em teoria não são suas e não pode cumprir por falta de dinheiro, essas andam devagar por força de interesses feridos que batem às portas da Justiça, mas andam.

O discurso do presidente traduziu o sentimento da maioria da população

Sendo esse o quadro real do País, pode ver-se que o Plano Real ainda não se esgotou — e todos os dias se vêm sinais de que continua sua marcha para a frente. Esta é a percepção da sociedade de uma maneira geral: a de que os maiores benefícios do Plano, compensando os sacrifícios que muitos fazem hoje, virão amanhã. Essa percepção, essa consciência de que o Plano Real ainda pode dar melhores frutos é o grande trunfo político potencial do governo. É por saber disso que o presidente da República pode, sobranceiramente, reiterar que o problema da reeleição é do Congresso, que poderá votar como bem entender, inclusive estabelecendo como precondição o referendo.